

Terras da Beira

19-01-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Regional

Tiragem: 20000

Temática: Sociedade

Dimensão: 117

Imagem: N/Cor

Página (s): 2

Eduardo Lourenço considera que «a crise não é uma ameaça»

O ensaísta e filósofo Eduardo Lourenço considera que a crise económica por que a Europa está a passar não representa uma ameaça à Cultura porque «o sujeito da Cultura é cada geração que vem» e isso, diz, «é imortal». O professor, galardoado com o prémio Pessoa 2011, esteve em Paris, na Terça-feira, na cerimónia que assinalou a mudança na direcção do Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian em França.

Em declarações à agência Lusa, Eduardo Lourenço sublinhou a importância da Fundação, «uma espécie de prenda que nos caiu do céu», e considerou que, apesar do momento difícil por que Portugal e a Europa estão a passar, o contributo da Gulbenkian para a promoção da língua e da cultura portuguesas não vai sofrer alterações.

O filósofo acrescentou ainda que não lhe parece que a Cultura esteja hoje mais ameaçada do que há uma década: «Parece-me antes que estamos a viver formas culturais diferentes. A Cultura hoje não é um monopólio de uma casta, é o rock como o futebol, tudo é Cultura e nada é Cultura no sentido antigo dos termos», afirmou. «Vivemos numa sociedade para a qual a Cultura não tem um estatuto especial, tudo é cultural.

Contudo, disse ainda, «a Europa está ameaçada por uma crise séria e sem rosto». É, considera, «uma espécie de guerra, [levada a cabo] por sujeitos incógnitos, que parecem saídos de filmes de horror, do Kafka e do Woody Allen ao mesmo tempo». Mas a Cultura é «outra loiça», responde com outras armas: «O sujeito da Cultura é cada geração que vem, que transmite uma parte desse saber que nos vem do passado e com ele constrói o futuro. Essa é que é realmente a Cultura, e essa é imortal», terminou.